

Eduardo dos Santos de Oliveira Braga
Fernanda Paixão de Souza Gouveia
Marluce dos Santos
Ruth dos Santos Baracho de Moura

ABRINDO A RODA

ESCREVIVÊNCIAS AFROCENTRADAS NA EJA



Coleção:
ESCREVIVÊNCIAS NA EJA
Volume 1

EDUARDO DOS SANTOS DE OLIVEIRA BRAGA
FERNANDA PAIXÃO DE SOUZA GOUVEIA
MARLUCE DOS SANTOS
RUTH DOS SANTOS BARACHO DE MOURA

ABRINDO A RODA

ESCREVIVÊNCIAS AFROCENTRADAS NA EJA

Coleção:
ESCREVIVÊNCIAS NA EJA

Volume 1

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Revisão: Os autores

Capa: Freepik

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A163 Abrindo a roda [recurso eletrônico] : escritórias afrocentradas na EJA / Eduardo dos Santos de Oliveira Braga ... [et al.]. - Santo Ângelo : Metrics, 2024.
62 p. - (Escritórias na EJA; 1)

ISBN 978-65-5397-171-4

DOI 10.46550/978-65-5397-171-4

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Rodas de leitura. 3. Evaristo, Conceição, 1946- I. Braga, Eduardo dos Santos de Oliveira

CDU: 374.7

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

<https://editorametrics.com.br>

Conselho Editorial

Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dra. Cleusa Inês Ziesmann	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dra. Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordellin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dra. Mércia Cardoso de Souza	ESMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

Sumário

Sobre a Coleção.....	11
Sobre a Logo	13
Sobre este Livro.....	17
1 Por uma concepção de Roda.....	19
2 Convidando Evaristo para a Roda: Por quê? Para quem?....	25
3 Escrevivendo Rodas de Conceição com/para a EJA: a gênese do projeto	35
4 Um (não) fim para a Roda.....	53
Referências	57
Sobre os autores.....	61

Sobre a Coleção

A coleção “Escrevivências na EJA” é fruto do projeto intitulado de “Diálogos entre as experiências da Educação de Jovens e Adultos no IFRJ e a escrevivência”, uma iniciativa aprovada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), com fomento da própria Instituição e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenada por Fernanda Paixão de Souza Gouveia e Eduardo dos Santos de Oliveira Braga. Inspirados em Conceição Evaristo, renomada escritora e voz proeminente da literatura negro-brasileira de resistência, esta coleção de livros se propõe a ecoar as vozes e tornar visíveis as experiências únicas vivenciadas pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Pretende-se ser uma coleção contínua, com cada volume construído para explorar as histórias pessoais, a criatividade e a resiliência dos trabalhadores estudantes jovens e adultos que estão trilhando o caminho da educação. Com um enfoque especial nas perspectivas africanas e afrodescendentes, aqui reverenciadas pelas trajetórias, especialmente de mulheres negras da EJA, as páginas desses livros se tornam um palco onde as vivências encontram espaço para florescer.

Ao celebrar a rica herança cultural africana e afrodescendente, a Coleção “Escrevivências na EJA” reconhece a importância de honrar as raízes enquanto se busca crescimento e desenvolvimento. As palavras ganham vida nas mãos dos autores destes volumes, trazendo à tona a complexidade das jornadas

individuais e coletivas, dos desafios superados e das conquistas alcançadas.

Este projeto, para nós, audacioso e inspirador, nasce do desejo de ampliar horizontes educacionais, estimular a emancipação social através da expressão criativa e, acima de tudo, ecoar as vozes dos sujeitos da EJA. A coleção não apenas homenageia Conceição Evaristo como também segue seus passos, inspirando-se em sua coragem de abordar questões sociais e culturais por meio da literatura.

Em última análise, a coleção “Escrivivências na EJA” é mais do que uma série contínua de livros; é uma jornada de (auto)conhecimento, transformação e celebração da diversidade humana. Ao trazer à luz as histórias muitas vezes esquecidas ou silenciadas, ela se torna um farol de esperança, iluminando o poder da educação e da expressão como recursos de mudança e justiça social.

Sobre a Logo



Escrevivência

A Logo do projeto de pesquisa, de autoria do designer Renato Paixão, estará presente em toda a coleção “Escrevivências na EJA”, transmitindo uma imagem de grande significado e carregada de simbolismo. A representação de uma árvore, cujo tronco se metamorfoseia em uma mulher enraizada na terra, evoca uma metáfora profunda com múltiplas camadas de significado, fincada em associações culturais e africanas. Além disso, a inclusão das folhas circundando a cabeça da mulher adiciona um grau de complexidade e profundidade à mensagem simbólica como um todo.

A árvore, um símbolo de crescimento, conexão e sustentação, adquire uma nova dimensão ao incorporar a figura

da mulher. A mulher enraizada na terra evoca uma relação intrínseca com as raízes culturais e ancestrais. Ela parece fundida com a própria terra, uma simbiose que sugere uma ligação profunda com a natureza e com as raízes de sua história.

As folhas ao redor da cabeça da mulher adicionam um toque de elevação. Essa imagem lembra coroas de flores usadas em muitas culturas como símbolo de celebração, honra e conexão com o divino. Aqui, as folhas parecem representar não apenas a beleza, mas também a força interior e a sabedoria que emana da mulher enraizada. A relação entre as folhas e a cabeça também pode aludir à noção de ideias florescendo e conhecimento expandindo, redescobrimento de suas próprias raízes que se emanam em raízes outras.

No conjunto, a Logo capta a essência da jornada contada no livro. Ela fala da ligação profunda entre as vivências das mulheres negras da EJA e suas raízes culturais, enquanto também celebra sua força, resiliência e crescimento pessoal. Além disso, a imagem evoca uma atmosfera de unidade entre a natureza, a ancestralidade e a expressão humana. A Logo, como um todo, cria uma imagem visual poderosa que instiga reflexões sobre identidade, conexão e o poder da educação e da expressão para nos enriquecer e nos elevar.

Essa análise oferece uma possível interpretação da Logo, entretanto, a essência reside na capacidade de permitir que uma miríade de significados possa emergir por meio do olhar, das vivências e das experiências únicas de cada leitora e cada leitor. Cada indivíduo, com sua bagagem pessoal e perspectiva cultural, é convidado a explorar e extrair novas camadas de sentido, transformando a imagem em um espelho multifacetado das suas próprias jornadas e compreensões.

Nesse sentido, gostaríamos de expressar o nosso agradecimento ao querido Renato Paixão, que não apenas captou de maneira magistral a essência do nosso projeto, mas também deu vida a essa Logo de forma tão eloquente. Sua interpretação sensível e habilidosa trouxe à luz as intenções e valores que fundamentam nossas narrativas, e por isso, sua contribuição é digna de reconhecimento. Agradecemos a todos aqueles que se envolveram e colaboraram para que esse símbolo carregado de significado se tornasse uma realidade palpável, convidando à reflexão, à conexão e ao diálogo.

Sobre este Livro

No coração da Coleção “Escrevivências na EJA”, o Livro 1, intitulado “Abrindo a Roda: Escrevivências Afrocentradas na EJA”, lança um convite à jornada profunda e transformadora das experiências de estudantes da EJA, destacando especialmente as perspectivas e vivências negras. A afrocentridade é escolha, um lugar onde o sujeito se posiciona em relação à sua cultura (Santos Jr, 2010).

Este livro é o ponto de partida, uma porta de entrada para as histórias singulares que compõem o mosaico de narrativas deste projeto. Inspirado nas obras de Conceição Evaristo, que construiu uma ponte entre a literatura e a cultura negro-brasileira, “Abrindo a Roda” carrega essa mesma intenção de celebrar as raízes africanas e suas influências na jornada educacional de trabalhadores estudantes jovens e adultos.

Nas páginas deste livro, você encontrará uma coletânea de reflexões, bem como o projeto que principiou toda essa história. Cada palavra é um elo para os corações e mentes daqueles que se aventuraram em busca de conhecimento, independentemente da idade ou das circunstâncias. Essas narrativas não são apenas relatos; são janelas abertas para mundos interiores ricos e complexos, moldados por experiências diversas.

“Abrindo a Roda” convida as leitoras e os leitores a se aproximarem das histórias de vida, enfrentamentos, conquistas e celebrações desses valentes estudantes. Através das lentes afrocentradas, as páginas deste livro principiam a revelação das teias de conexões culturais, dos desafios superados e das

vitórias conquistadas. Ao investigar as vivências de inspiração afrocêntrica na EJA, este livro não somente presta homenagem às raízes culturais, mas também destaca a influência da educação como um meio de restauração, crescimento e transform(ação). Ele celebra a resiliência daqueles que, por meio do aprendizado, reivindicam seu lugar na história e contribuem para uma narrativa mais inclusiva e justa.

“Abrindo a Roda: Escrivivências Afrocêntricas na EJA” é mais do que um livro; é uma celebração das vozes que muitas vezes foram silenciadas. É uma lembrança de que cada história importa e que, ao compartilharmos nossas experiências, construímos pontes entre gerações e culturas. Convidamos você a mergulhar nas páginas deste livro e se conectar com a riqueza das experiências humanas que ele contém.

Por uma concepção de Roda

Rodar, girar, circular... não iniciar e nem terminar! Roda que inspira, reflete, anuncia, denuncia, profecia e se mete! Sobre essa Roda, “meu povo, preste atenção. Na Roda que eu te fiz. Quero mostrar a quem vem. Aquilo que o povo diz”¹.

Nesse livro, tecemos memórias, histórias, ditos, não ditos, a não dizer, silêncios, silenciamentos e esquecimentos. Marcas que nos marcam, histórias que nos tocam, nos atravessam e resvalam com tortuosos reflexos a outras tantas histórias.

Fazemos isso, “como se fora brincadeira de Roda (memória). Jogo do trabalho, na dança das mãos (macias). No suor dos corpos, na canção da vida (história). O suor da vida no calor de irmãos (magia)”². Fazemos isso ao apontar que “A Roda da saia, a mulata. Não quer mais rodar, não senhor. Não posso fazer serenata. A roda de samba acabou. A gente toma a iniciativa”³. E, nesse lugar de atitude / prontidão, propor o convite “Vamos abrir a Roda, enlarguecer”⁴.

Para além disso, propomo-nos ser a Roda para nós mesmos e para aqueles que rompem com o curso hegemônico da própria Roda e (des)andam Rodas alheias com falas, potências,

1 Canção Roda – Joao Augusto Azevedo Filho / Gilberto Passos Gil Moreira e Joao Augusto Azevedo Filho, 1971.

2 Canção Redescobrir – Luiz Gonzaga Jr., 1980.

3 Canção Roda-viva – Chico Buarque, 1968.

4 A Roda – Sarajane, Robson de Jesus e Alfredo Moura, 2018.

interpretações, sentidos, esperanças (do esperar de Freire⁵), diversidades, peculiaridades, pluralidades e ancestralidades. Traçamos, então, “a nossa roda gira-gira em que os de ontem, os de hoje, e os de amanhã se reconhecem nos pedaços uns dos outros. Inteiros”⁶.

Evocamos, inicialmente, a noção de Roda que queremos atribuir a esta narrativa, na audaciosa intenção de nos fazermos integrantes das muitas Rodas que, por vezes, nos rodeiam sem ao menos darmos conta de que estamos contidos nelas. Por outro lado, como forma de potencializarmos o olhar para as Rodas que claramente nos encontramos sem percebermos o quão amarrados numa mesma Roda estamos (estão) a girar (a nos girar). E ainda como forma de escancarar os muitos que se amontoam dentro de nós [Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela (EVARISTO, 2006, p. 21)].

Para essas audaciosas intencionalidades, usamos a figura de Conceição Evaristo como entremeio da metáfora posta sobre o rompimento da hegemonia da Roda, com proposta de emergir esperanças de (trans)formação. Mulher, preta, mãe, escritora, pesquisadora, professora, de origem nas periferias de Belô (Belo Horizonte) faz com que coloquemos em Roda as rotas das múltiplas memórias que a constituem e que nos constituem como sujeitos.

E, nesse sentido, afirmo que, quando escrevo, sou eu, Conceição Evaristo, eu sujeito a criar um texto e que não me desvencilho de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina, Ainá, etc., condições essas que

5 Cf.: Freire, P., 1992, p.110-111.

6 Poema “A roda dos não ausentes”, de Conceição Evaristo, 2017.

influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível (EVARISTO, 2011, p. 115).

Evaristo se reconhece como uma mulher que gosta de contar e ouvir casos. Dizendo ainda que muito de sua escrita nasce das histórias ouvidas, das imagens assistidas no cotidiano e de sua condição de mulher e negra na sociedade brasileira, aspectos esses que se somam ao encantamento que ela tem pela palavra (EVARISTO, 2011).

Assim, convidar Evaristo para essa Roda é assumir que ela nos dá respostas a muitas indagações e a muitos pressupostos ao articular conhecimentos e (re)descobertas a partir das revelações encontradas durante as memórias forjadas pelos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente por mulheres, pretas, advindas das periferias, com história e muitas memórias. A compreensão da vida coletiva e da subjetividade dessas mulheres é guiada pelos princípios da alteridade e empatia nesta pesquisa, fato que desenrola este trabalho a partir de uma análise qualitativa dos dados mapeados por meio das escrituras de mulheres da EJA.

Na interlocução entre Evaristo e as mulheres da EJA, buscaremos ressignificar a Roda como um espaço de resistência e fortalecimento coletivo⁷, ao destacar a importância, nesta seção, das rodas de conversa, dos círculos de solidariedade e das comunidades como espaços de acolhimento, compartilhamento de experiências e luta por direitos.

Ao abordarmos a Roda como um símbolo de ancestralidade e tradição, ao valorizar as rodas de contação de histórias, as rodas de samba, as rodas de saberes transmitidos

7 Ver capítulo *Convidando Evaristo para a Roda: Por quê? Para quem?*

oralmente ao longo das gerações, do velho ao jovem, mostramos que “nas mãos entrelaçadas de ambos, o velho tempo funde-se ao novo, e as falas silenciadas explodem (Poema “Do velho ao jovem, de Conceição Evaristo, 2017). Enxergando, nesse tempo e espaço a preservação da cultura negra e a resistência contra a opressão histórica sofrida pelo povo negro. Além disso, falamos sobre a necessidade de quebrar as Rodas opressivas e excludentes da sociedade, aquelas que perpetuam estereótipos, preconceitos e desigualdades; perpetuam a violência.

Propõe-se, com isso, a criação de novas Rodas (capítulo: Escrevivendo Rodas de Conceição com/para a EJA: a gênese do projeto), mais inclusivas e equânimes, onde todas as vozes, principalmente as das mulheres negras, sejam ouvidas e valorizadas. Fazendo com que as vozes-mulheres recolham em si a fala e o ato, e se façam “ouvir a ressonância, o eco da vida-liberdade” (Poema “Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo, 2017). Rodas essas cujos tambores ecoam, as ancestralidades se mostram e os laços com as africanidades se entrelaçam embalando novas danças e entoando outras tantas histórias, a serem, através do nosso projeto, (re)contadas por meio de experiências de escritivências com mulheres da EJA nas Rodas de Conceição.

Como se em Roda estivéssemos girando, retomamos aqui a sua concepção para que por meio desse texto outras vozes e seus saberes se unam as muitas outras que aqui estão representadas: Marluces, Ruths, Fernandas, Olívias, Severinas, Marlenes, Renaides, Eloás, Marias, Irenes, Creuzas, Ritas, Isauras, Francilinas, Taianas, Conceições, Ainás etc. Reunimo-nos para tecer memórias, ao adentrar em seus becos (Becos da Memória, 1987), desafiar estereótipos e fortalecer nossa identidade coletiva.

[...] Becos da memória surge a partir de conversas com minha família. Estávamos relembando certos fatos e minha mãe disse uma frase. Uma determinada palavra usada por ela e que conferia sentido e força a uma que recuperávamos do passado, caiu dentro de mim desencadeando um estado de emoção e acordando outras lembranças. Daí para a escrita só precisou do papel e do lápis, mais nada. A frase inicial do romance repete a fala que minha mãe pronunciou naquele dia (Evaristo, 2011, p.108-109).

Nessa Roda, cada história é valiosa, cada vivência é um fio que compõe o tecido rico e diverso da nossa comunidade. Juntos, propomos romper os silêncios impostos, ouvir uns aos outros com respeito e empatia, e construir um espaço onde todos possam ser. Vamos girar essa Roda de conhecimento, resistência e (trans)formação... um convite à Conceição.

Convidando Evaristo para a Roda: Por quê? Para quem?

Evaristo caminhava pelas ruas da cidade, um semblante cansado marcado por anos de lutas e desafios. Seus olhos, porém, brilhavam de curiosidade ao se deparar com um cartaz colorido pregado no mural da escola: “Rodas de Conceição para/com estudantes da EJA”. Aquelas palavras despertaram nela uma mistura de interesse e dúvida. “Para que falamos de Conceição?”, pensou Evaristo. “O que é escrevivência? E afinal, para quem são essas Rodas”.

As Rodas de Conceição não são apenas um espaço físico, mas um lugar de encontros, de histórias compartilhadas e experiências trocadas. É um convite para se expressar, para reverberar a própria vivência e, ao mesmo tempo, ouvir e acolher a vivência do outro. É um convite para se (re) conhecer, para reconstruir a própria identidade e ressignificar a própria história.

Fisicamente, as Rodas de Conceição têm ocorrido no pátio do IFRJ *campus* Duque de Caxias, lugar de atuação profissional e de estudo dos autores deste livro. Ocorrem quinzenalmente numa prática de leitura coletiva de contos e poemas de Conceição Evaristo. Já ensaiamos a sua itinerância em outros espaços, guardando sempre o mesmo objetivo, qual seja, o diálogo e a partilha de experiências provocados pelos textos de Conceição.

Tendo os sujeitos da EJA como os principais interlocutores da proposta iniciada no primeiro semestre de 2023, as Rodas de Conceição é fruto de um projeto maior, principiado em agosto de 2022, a ser apresentado no próximo capítulo.

As Rodas de Conceição são um exemplo poderoso de como o diálogo e a partilha de experiências podem ser transformadores. Ao compartilhar suas histórias, os participantes fortalecem os laços comunitários, promovem a empatia e encontram apoio afetivo. Cada pessoa traz consigo suas vivências únicas, e nas Rodas de Conceição essas vivências são valorizadas e respeitadas. O ambiente acolhedor permite que todos se sintam à vontade para se expressar e serem ouvidos.

Nas Rodas, textos são lidos e reinterpretados pelos próprios trabalhadores e estudantes da EJA. As leituras de Conceição Evaristo impulsionaram essa relação do que já está posto com o que só está posto na individualidade de cada sujeito. Buscamos, nas leituras de Conceição, fazer com que o que os livros escondem, libertar pelas palavras ditas (Poema “Do velho ao jovem, de Conceição Evaristo, 2017). Cada texto lido, cada (re)interpretação realizada e cada escrevivência nos diferentes pátios das Rodas reverbera por meio da escrita dos livros que compõem a coleção “Escrevivências na EJA”.

Participar de Rodas de Conceição também implica em um processo de autoconhecimento e retomada da identidade. Ao compartilhar sua história, a pessoa é convidada a refletir sobre si mesma, a compreender suas próprias experiências de uma forma mais profunda e a encontrar novos significados em sua trajetória de vida. É um convite para olhar para trás, revisitar o passado e encontrar novas formas de enxergar os desafios e as conquistas.

Além disso, as Rodas de Conceição oferecem um espaço

para ressignificar a própria história. Ao ouvir as experiências dos outros participantes, cada pessoa tem a oportunidade de ampliar sua perspectiva e encontrar novas maneiras de interpretar os eventos passados. Essa troca de vivências pode trazer clareza, aceitação e até mesmo inspiração para transformar os obstáculos em oportunidades de crescimento.

Dentro desse contexto, surge a importância da “escrevivência”. Essa palavra significa muito mais do que escrever e viver separadamente. É um entrelaçamento de palavras e vivências, um ato de dar vida à própria história por meio da escrita. A escrevivência envolve o reassumir da memória individual e coletiva, um registro de lutas e superações, e se torna um exercício de resistência. É um processo de reconstrução e reinterpretação da trajetória pessoal, através da qual cada indivíduo encontra sua voz e valorizava suas experiências únicas. A escrevivência,

[...] em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Conceição Evaristo desempenha um papel fundamental

ao extrair conhecimentos dos corpos negros, da tradição oral e ao transmitir para a escrita a oralidade de nosso povo, que não é registrada na história oficial - ¹oralidade (Martins, 2021). Essa ausência de registros é uma tática de domínio branco. As mulheres negras da região sudeste do Brasil, como as autoras deste livro, são principalmente descendentes dos Bantus, um povo em grande parte nômade dentro da própria África, cuja marca é a oralidade.

A Escrivivência é uma estratégia para preservar a oralidade por meio da igualdade na escrita (Borges, 2020). Veiga (2022, p. 89) defende que “a metodologia da Escrivivência é uma maneira de abrir brechas para pensarmos que a oralidade dos nossos corpos é mais uma forma de produção de conhecimento africano e do afro-brasileiro”.

Nas Rodas de Conceição, a escrevivência se torna um recurso poderoso para o (re)conhecimento de si mesmo e para a valorização das vivências compartilhadas. Ao escrever e compartilhar suas histórias, cada participante contribui para a construção de um espaço coletivo de compreensão e solidariedade. Através da escrita, as narrativas individuais se entrelaçam e ganham significado coletivo, revelando conexões e a força transformadora das experiências de vida.

Dessa forma, as Rodas de Conceição se revelam como um espaço que transcende o físico (o pátio da escola), tornando-se um lugar de encontros profundos, de histórias compartilhadas e experiências trocadas. É um convite para se expressar, ecoar as vozes da própria vivência e, ao mesmo tempo, ouvir e acolher a vivência do outro. Nesse ambiente acolhedor, a escrevivência

1 Leda Martins (2021) denomina essa incorporação dos saberes corporais, a repetição não idêntica e a expressão vocal dos cânticos de performance como “Orality”. Trata-se de um conhecimento vasto proveniente dos corpos negros.

ganha vida, permitindo que cada indivíduo retome sua identidade, ressignifique sua história e encontre apoio mútuo no processo de transformação pessoal e coletiva.

E ali, naquelas Rodas de Conceição, encontramos trabalhadores estudantes da EJA, pessoas que, como Evaristo, carregam histórias marcadas por desafios e adversidades. A EJA é uma modalidade educacional destinada a quem, por diferentes motivos, não pôde frequentar a escola em outros tempos. É uma oportunidade de aprendizado e crescimento, de reparação à dignidade e ao direito à educação.

A diversidade é uma característica intrínseca e inerente da EJA, que se destaca por sua capacidade de acolher pessoas de diferentes idades, experiências de vida, níveis de escolaridade e motivações para a aprendizagem. Essa diversidade é um dos fatores que tornam a EJA um ambiente inclusivo e de luta social. Além disso, a diversidade na EJA se estende às questões de gênero, origens étnicas e culturais dos estudantes, contribuindo para um ambiente enriquecedor de troca de experiências e perspectivas.

Os motivos que levam os estudantes a ingressarem na EJA também são variados, desde a busca por melhores oportunidades de emprego até a satisfação de completar a educação básica, passando pelo desejo de desenvolvimento pessoal e pela necessidade de participação ativa na sociedade. Essas motivações diversas interferem na dinâmica da sala de aula e influenciam o trabalho pedagógico.

Assim, no compartilhamento das experiências nas Rodas de Conceição, percebemos que a escrevivência também se entrelaça com a jornada da EJA e seus sujeitos. A escrita se torna um recurso essencial para expressar suas vivências e aprendizados, assim como para fortalecer a consciência crítica e promover

a transformação pessoal. Ali, naquele espaço de encontros e escutas atentas, a escrita se torna uma forma de empoderamento coletivo, permitindo que cada participante reescreva sua própria narrativa e busque uma visão autêntica de si mesmo.

Dessa maneira, as Rodas de Conceição se apresentam como um lugar que une a escrivência, a educação e o desenvolvimento pessoal e coletivo de trabalhadores estudantes jovens e adultos. É um espaço aonde a aprendizagem vai além dos livros e dos muros das salas de aula, e se nutre das vivências e reflexões de cada indivíduo. É uma oportunidade para que sujeitos da EJA e Evaristo encontrem ressonância nas experiências compartilhadas e se sintam pertencentes, valorizados e potencialmente ativos na vida social.

Assim, as Rodas de Conceição se transformam em um símbolo de resistência, de fortalecimento e de reconstrução de identidades. É um lugar onde a escrivência e a educação se entrelaçam para proporcionar um ambiente de aprendizado significativo, onde as palavras e as vivências se tornam recursos de transformação pessoal e coletiva de trabalhadores estudantes da EJA.

Neste lugar, os estudantes encontraram uma comunidade que os acolhe, inspira e os impulsiona a seguir em frente, reescrevendo suas histórias e redefinindo seus futuros, tendo Evaristo como inspiração. Evaristo é uma representação viva das múltiplas vozes que ecoam nas histórias de cada estudante.

Conceição é aquela mulher que luta contra o machismo e o racismo, que enfrenta a desigualdade e a exclusão social. Conceição é aquela mulher que, mesmo diante das dificuldades, se levanta com coragem e determinação. Conceição é a comunidade que se uniu em torno de um projeto, que compartilhou saberes e

fez da solidariedade uma força (trans)formadora.

E é justamente por esses motivos que intitulamos de Rodas de Conceição essa ação de resistência. Retomaremos a metáfora da Roda aqui, apontando, conforme nas notas introdutórias desse escrito, as diferentes Rodas que fizeram história para potencializarmos o nome adotado.

Diferente de Evaristo, nascida em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, sendo a segunda de nove irmãos, as autoras e o autor deste livro são do Rio de Janeiro, local em que as Rodas de samba se avolumam e trazem consigo ancestralidade, resistência e a expressão cultural do povo. É a melodia que conecta os corações, que estimula o movimento dos corpos e a expressão das emoções mais profundas. O samba é a voz do povo, um grito de liberdade e alegria.

Assim como as autoras e o autor deste livro têm suas raízes nessa cidade efervescente de criatividade e expressão, Tia Ciata fez história e desempenhou um papel crucial na preservação das tradições culturais afrodescendentes no Rio de Janeiro. Nascida em Salvador, Bahia, por volta de 1854, Tia Ciata mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceu como uma figura central na comunidade negra da região. Ela desempenhou um papel fundamental na preservação e promoção das tradições culturais africanas, contribuindo para a manutenção das festas religiosas e das manifestações culturais negro-brasileiras.

Além de suas atividades religiosas, Tia Ciata era conhecida por seu talento musical e sua casa se tornou um importante ponto de encontro para músicos, compositores e artistas. Ela foi uma das responsáveis por popularizar o samba no Rio de Janeiro, fornecendo um espaço onde músicos podiam se reunir, tocar e improvisar em Rodas. Muitos dos primeiros sambistas renomados

frequentavam sua casa, contribuindo para o desenvolvimento do samba como gênero musical.

[A roda é um ritual que] como em qualquer ritual, preserva e atualiza o que está em sua origem. Nela, o que é tradição dialoga com o presente no curso da história. Tudo ocorre a partir das condições materiais possíveis, mas é imprescindível que os fundamentos sejam respeitados. Quer dizer, os participantes não esperam condições ideais para agir, mas jamais agem contrariando os câ- nones consagrados pela comunidade – até porque o mundo do ritual é “total- mente relativo ao que ocorre no cotidiano”. (Moura, 2004, p. 19).

Enquanto Tia Ciata abriu sua casa para músicos e artistas, criando um espaço para a fusão de influências culturais (Rodas de Samba), os autores desta coleção convidam as leitoras e os leitores a entrarem na Roda das “Escrivências Afrocentradas na EJA”. Da mesma forma como o samba é uma manifestação que conecta corações e ressoa como a voz do povo, essas escrituras também buscam estabelecer conexões profundas entre as experiências dos trabalhadores estudantes da EJA. Assim como o samba é um grito de liberdade e alegria, as narrativas neste livro também refletem a coragem de superar desafios e a alegria de se expressar por meio da escrita.

Um outro tipo de Roda que inspira as Rodas de Conceição são os círculos de solidariedade que, por sua vez, são o tecido que envolve a Roda. São os laços de afeto, cuidado e respeito mútuo que se fortalecem a cada encontro. Nesses espaços, as diferenças são respeitadas e as vivências compartilhadas se transformam em força coletiva. Os círculos de solidariedade são um convite à colaboração, à união em prol de um objetivo comum: a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Essa Roda de solidariedade encontra ressonância na voz de Conceição:

Evaristo escreve valorizando a ancestralidade e a oralidade

de parcelas negras e afrodescendentes da população, falando de si, ao mesmo tempo que fala dos outros, numa relação de **solidariedade** com outros sujeitos que são vítimas de mazelas sociais e raciais como a própria escritora já foi, no passado, e às quais ainda é suscetível, uma vez que toda pessoa de pele negra, neste país, acaba sofrendo discriminação e sentindo toda a força do racismo estrutural que caracteriza a nossa sociedade, desde a sua formação (Amorim, 2022, p. 43-44, grifo nosso).

Em síntese, convidar Conceição Evaristo para esta Roda de experiências é, de certa forma, entrelaçar gerações de vozes que emergem das margens e das profundezas da sociedade. É um convite para uma conversa entre passado, presente e futuro, onde as histórias se encontram e se entrelaçam como fios de um tecido cultural rico e diverso.

Por quê? Porque o legado de Evaristo ressoa com as mesmas notas de afirmação, resistência e celebração da herança afrodescendente que sustentam esta coleção, bem como todos os sujeitos que a compõe. Sua capacidade de traduzir as experiências das camadas marginalizadas em narrativas poderosas inspira a coragem de se expressar e reivindicar um lugar na história.

Para quem? Para todos nós que ansiamos por uma compreensão mais profunda da complexidade da vida, do poder da palavra e da resiliência humana. Para aqueles que buscam nas páginas de seus livros a confirmação de que cada história importa, e que a escrita pode ser um farol, um guia e uma celebração de identidade. Especialmente para os sujeitos da EJA, trabalhadores estudantes que trilham o caminho da educação mesmo quando a sociedade pode parecer indiferente às suas lutas. E, ainda mais, para as mulheres pretas da EJA, cujas vivências muitas vezes são esquecidas ou marginalizadas. Convidar Evaristo para esta Roda é oferecer um espaço para que suas vozes, suas batalhas e

suas conquistas possam ecoar e inspirar, criando um círculo de fortalecimento e afirmação mútuo.

Convidar Evaristo para esta Roda é convidar sua visão, sua força e seu compromisso com a emancipação e justiça social para habitar cada página, para inspirar cada reflexão. É estender a mão através do tempo e do espaço para entrelaçar as vozes dos que vieram antes com as vozes dos que agora compartilham suas escrituras.

Neste convite, estamos enriquecendo nossa compreensão do mundo, expandindo nossos horizontes e abraçando a beleza na diversidade das experiências humanas. Convidando Evaristo para a Roda, estamos também convidando a nós mesmos para dançar nessa dança eterna da busca por compreensão, empatia e conexão através das palavras que ecoam, ecoam e ecoam.

“E assim, Evaristo, inspirada e cheia de entusiasmo, decidiu aceitar o convite para as rodas de Conceição. Ela entendia que ali encontraria um espaço de resistência e fortalecimento coletivo. Um lugar onde sua voz seria ouvida e onde ela poderia ouvir a voz do outro, aprendendo, compartilhando e transformando-se junto com a comunidade da EJA. Evaristo, então, caminhou em direção às rodas de Conceição, carregando consigo suas vivências, suas lutas e sua disposição para escrever e viver de forma mais plena. Ela sabia que naquele encontro, ela gozaria de um lugar de acolhimento, onde as histórias se entrelaçam e os sonhos se fortalecem. Era o início de uma jornada de aprendizado, de aproximação e de autonomia coletiva de sujeitos da EJA”.

Escrevivendo Rodas de Conceição com/ para a EJA: a gênese do projeto

Neste capítulo, vamos às origens de um projeto que se transformou em uma jornada rica e potente, que abraça a responsabilidade com a educação pública e nossa ancestralidade negra. Aqui expomos o primeiro projeto submetido ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), cujos frutos se manifestaram nas Rodas de Conceição apresentadas anteriormente.

Destacamos a semente desse projeto, as raízes que o nutriram e a visão que o inspirou. É uma oportunidade de ver o desenvolvimento desta pesquisa e produção das Rodas de Conceição no tempo, um local onde narrativas e experiências se encontram. Cada linha e cada palavra deste projeto são como traços de um mapa, guiando-nos pelas motivações, objetivos e sonhos que deram origem a essa jornada (trans)formadora.

Convidamos você a se conectar com a jornada que levou à criação das Rodas de Conceição e à reflexão sobre a importância da EJA. À medida que explorarem as páginas deste capítulo, permitam-se absorver a essência do processo criativo, os compromissos firmados e o desejo de construir pontes entre as esferas da educação e da expressão cultural.

O projeto

DIÁLOGOS ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO IFRJ E A ESCREVIVÊNCIA

Este projeto de pesquisa fundamenta-se no princípio da emancipação social e política dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que indica que a escola deve ser um lugar que oportuniza a reflexão e o agir sobre o mundo a estes sujeitos, dando-lhes instrumentos para compreender as estruturas, propor e transformar sua realidade.

Há que se destacar que os estudos do campo desta modalidade evidenciam que seus estudantes são em sua maioria mulheres, negras e pobres (Arroyo, 2001; 2005; 2006). É importante conhecermos os sujeitos da EJA que, conforme aponta Arroyo (2006), não é qualquer jovem e qualquer adulto, mas aqueles com rosto, cor, história, trajetórias étnico-raciais, oriundos do campo, da periferia etc. É necessário refletir sobre a produção de materiais específicos da/para a EJA que levem em consideração a diversidade e as vivências de seus sujeitos, que valorizem seus conhecimentos prévios e que os tenham como autores e protagonistas de suas próprias histórias na educação.

Diante disso, nosso objetivo é construir os diálogos entre as experiências da sala de aula dos estudantes da EJA do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Duque de Caxias (CDuC) e a escritvivência, conceito que trazemos de Evaristo

(2020).

A escrevivência para Evaristo (2020) é o protagonismo da escrita e das vozes de mulheres negras, que inverte o domínio das histórias contadas pelas mulheres negras no contexto de escravidão à casa grande. Evaristo adverte que apesar de fundado na fala de mulheres negras, a escrevivência pode (e deve) ser um caminho, e um método, para todos aqueles que buscam protagonizar suas vidas e ter voz.

No caso da EJA, explorar a escrevivência é uma forma político-discursiva de resistência, de se construir como sujeitos de direito e da história (Ferreira *et al.*, 2021). A prática da escrevivência aqui proposta busca desconstruir os lugares impostos aos estudantes da EJA na sua trajetória de vida, de negação ao conhecimento e escolarização. A partir de práticas interdisciplinares, que envolvem as áreas das linguagens, das humanas e das ciências exatas, buscamos construir o protagonismo dos estudantes da EJA mediados pela arte da escrita de prosas, poesias e poemas.

Ancoramos nosso estudo em Freire, valorizando a proposta humanística e emancipatória de ensino que valoriza as ações do professor e do estudante como sujeitos ativos, pois:

[...] na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta criticamente o outro, fala com ele (Freire, 2014, p. 113).

Freire (2016) aborda assuntos referentes a proposta de educação bancária, reprovando as ações em que os estudantes são vistos como objetos capazes de receber conteúdos fragmentados

e estanques. Em contrapartida, o autor valoriza a educação dialógica que conduz ao pensar sobre o contexto real de opressão para a libertação, visto que:

[...] não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso ninguém pode dizer a palavra sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com a qual rouba a palavra aos demais (Freire, 2016, p. 77).

Gramsci (2014) nos oferece contribuições no campo da política, da luta de classes, cultura e ensino como reflexões e ações para que a subjetividade humana possa ser desenvolvida por meio do pensar sobre o contexto social concreto existente, levando-nos a dialogar com o materialismo histórico, cuja realidade concreta dos oprimidos deve fazer parte do campo de lutas culturais, que serão produzidas pela contra hegemonia, novas produções culturais, uma transformação que pudesse ser aceita pela sociedade, uma reforma social.

A cultura da compartimentalização dos saberes que, fragmentando as disciplinas e áreas do saber em partes estanques, favorece visões limitadas de educação, ensino e de mundo, deveria convergir em caminhos de compreensão onde a literatura, as artes, a poesia, o poema, o cinema, a psicologia, a filosofia deveriam dialogar sobre a ética da compreensão humana, exigência urgente em tempos de incompreensão generalizada.

Dessa forma, a sociedade em geral, e consequentemente a escola atual, que é um instrumento de disseminação da cultura, tem colaborado para que a curiosidade seja diminuída pela informação e instrução, quando, ao contrário deveria estimular,

desde cedo, por meio de diálogos, encorajando, instigando a aptidão investigativa, mediando reflexões sobre os problemas de nossa condição e época (Freire, 2011).

Fonseca (2020) nos adverte em sermos sensíveis com as especificidades da vida adulta dos estudantes da EJA e que devemos ir além de uma atitude generosa do professor-pesquisador de abrir-se ao outro e acolhê-lo. É mais que isso, perpassa a disciplina da observação, do registro, da escuta, da autorreflexão e da reflexão na/sobre a prática pedagógica, possibilitando ao professor (re)conhecer melhor seu estudante e exercitar-se na compreensão do ponto de vista que esse estudante pode construir com relação aos conhecimentos escolares e à vida. Tal ação, nessa pesquisa, será encaminhada por meio do incentivo a prática da escrevivência. A produção escrita dos estudantes certamente refletirá o imaginário social, trajetórias e transformação. A construção conjunta de diálogos entre as diferentes disciplinas e atividades propostas aos estudantes, será expressão de suas realidades e interação, pois:

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada pelo fato que procede alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro (Bahktin, 2014, p. 117).

Os diálogos possíveis envolvendo as experiências de sala de aula de estudantes da EJA, tendo escrevivência podem favorecer o processo de reflexão e comunicação coletiva, visto serem momentos de pausa para o silêncio, de ouvir o que o outro tem a dizer propondo análise crítica do real; aspectos que se ancoram na educação dialógica preconizada por Freire (2014).

O exercício da escrita protagonista é um caminho de

formação que merece estudos, leituras e muitas reflexões, pois pode contribuir para a construção de vários conhecimentos científicos escolares e não escolares, ressignificação de posturas individuais e coletivas, ampliando visões de mundo, incentivo e gosto pelas diversas leituras e linguagens, proporcionando diálogos com questões do cotidiano, suscitando a curiosidade, que “criticizada” e se aproximando cada vez mais da rigorosidade metódica do objeto cognoscível, se transforma em curiosidade epistemológica (Freire, 2014).

Justificativa

De acordo com Larrosa (2002, p. 24),

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 24).

A narrativa presente neste projeto de pesquisa tem início a partir da atuação dos pesquisadores no curso de Ensino Médio Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (MSI) do IFRJ CDuC. São as experiências que nos passam, que nos acontecem e que nos tocam que possibilitaram a construção das reflexões e das ações que compõem este projeto de pesquisa. Segundo Larrosa (2002, p. 27), “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”

e, nesse caminho de apropriação, atentamo-nos para uma escuta e autorreflexão que nos possibilitam observar e ouvir como os estudantes da EJA atribuem significados às situações que os acontecem, que os passam e que os tocam. Com isso, afastamo-nos da possibilidade de propor uma pesquisa que descreva, de maneira objetiva e superficial, a realidade estudada (sala de aula da EJA); além de afastar a possibilidade de envolvimento superficial do papel de professores/pesquisadores em que nos colocamos.

Dessa forma, justificamos a escolha do tema por dois principais motivos: visibilizar a EJA e seus sujeitos e fomentar pesquisas que tenham a escrevivência na EJA como objeto, no sentido de produzir autonomia e protagonismo de seus estudantes.

Do primeiro ponto, segundo Fonseca (2020), quando tratamos de EJA é importante termos a consciência de que não nos reportamos a um ensino para universitários, pós-graduandos, entre outros grupos, mas nos referimos a uma ação educativa

[...] dirigida a um sujeito de escolarização básica incompleta ou jamais iniciada e que ocorre aos bancos escolares na idade adulta ou na juventude. A interrupção ou o impedimento de sua trajetória escolar não lhe ocorre, porém, apenas como um episódio isolado de não acesso a um serviço, mas num contexto mais amplo de exclusão social e cultural, e que, em grande medida, condicionará também as possibilidades de reinclusão que se forjarão nessa nova (ou primeira) oportunidade de escolarização (Fonseca, 2020, p. 14).

Nesse caminho, um jogo de tensões é definido pelas marcas da exclusão dessa específica modalidade de ensino. Em 2001, Arroyo nos alertava sobre essas tensões serem mais acirradas na EJA do que em outros níveis e modalidades de ensino por conta dos (des)interesses que determinam práticas

pedagógicas na EJA e que, em geral, são muito “menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos” (Arroyo, 2001, p. 10). Atrela-se a isso o lugar marginalizado da EJA nas políticas educacionais, especialmente por conta das características sociais, econômicas e culturais do seu público.

Com isso, incentivar o processo dialógico, valorizar as experiências prévias dos estudantes da EJA e o que eles têm a nos dizer sobre as experiências de sala de aula são ações que visam, nesta pesquisa, atribuir visibilidade à EJA e aos seus sujeitos; importante ação quando refletimos sobre o histórico da EJA e sua luta por direitos silenciados, negados e invisibilizados. Na medida em que trabalhadores estudantes jovens e adultos atribuirão vozes durante a escrita de poemas e poesias, buscaremos tornar visíveis o quanto a EJA tem a nos dizer e ensinar.

Do segundo ponto, a invisibilidade da EJA é também identificada nas produções acadêmicas sobre o tema. Buscaremos, com essa pesquisa, integrar a EJA nas ações da escrita pelos seus sujeitos. Dessa forma, nossas ações estarão voltadas para a integração dos saberes, o mais interdisciplinar e integral possível.

[...] o processo de ensino e aprendizagem para alunos da educação de jovens e adultos sob o olhar da interdisciplinaridade, a partir da conjugação ciência, arte e literatura tende a promover a formação omnilateral do sujeito envolvido no processo educativo, sobretudo quando nos reportamos ao jovem e/ou adulto que, por motivos diversos, esteve ausente desses processos (Lima; Pereira; Anjos, 2020, p. 19).

De posse das justificativas elencadas, a seguir apresentaremos os objetivos geral e específicos desta pesquisa.

Objetivos

Objetivo geral do trabalho

- Construir diálogos entre as experiências de sala de aula de estudantes da EJA do IFRJ CDuC e a escrevivência como prática de existência, resistência e emancipação social.

Objetivos específicos

- Aprofundar os estudos sobre escrevivência como método e teoria na construção do sujeito da EJA;
- Produzir espaços de atividades interdisciplinares que visam explorar as vivências dos estudantes da EJA e sua produção escrita;
- Identificar os impactos das atividades propostas na perspectiva do protagonismo e autonomia dos estudantes;
- Produzir um livro digital com as histórias contadas pelos sujeitos da EJA.

Metodologia

Para alcançar estes objetivos, a pesquisa terá abordagem qualitativa baseada em “informações mais descritivas, que primam pelo significado dado às ações” (Borba; Araújo, 2020, p. 25). Para Goldenberg (2004, p. 14), nessa modalidade de pesquisa, “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição”.

Para fins esquemáticos, dividiremos esta pesquisa em seis etapas, a saber:

Etapa 1 – Revisão bibliográfica e conceitual: esta etapa se destina a identificar as perspectivas teóricas e metodológicas da escrevivência e do sentido da emancipação social e política defendida.

Etapa 2 –Elaboração de atividades nos ambientes escolares (objetivo específico 2), buscando integração e reflexão na/para a EJA entre diferentes áreas do conhecimento. A participação dos estudantes será voluntária, sendo estimulada pelos docentes que integrarão a pesquisa.

Etapa 3: De posse do arcabouço teórico e metodológico a respeito do tema (etapa 1) e das experiências práticas de escrita (etapa 2), objetivamos com esta etapa instigar estudantes da EJA a produzir prosas, poemas e poesias sobre suas vivências em sala de aula e de seu cotidiano.

Etapa 4 – Pós-produção de prosas, poemas e poesias (objetivo específico 2): objetiva-se aqui coletar dados da produção das histórias, do seu sentido de escrevivência e analisar os resultados da pesquisa. Os procedimentos metodológicos a serem utilizados para produção empírica dos dados são: gravação das reuniões, registros das atividades propostas em sala, produção e análise dos textos produzidos, toda natureza de registro de diálogos, relatórios de pesquisa dos participantes da pesquisa.

Etapa 5 – Produção do livro digital com as histórias contadas pelos sujeitos da EJA (objetivo específico 6): objetiva-se elaborar um livro digital com os poemas e as poesias escritas pelos sujeitos da EJA sobre suas experiências cotidianas e vivências na sala de aula da EJA. Objetiva-se ainda promover um espaço de trocas e reflexões com os sujeitos da EJA a fim de

que essas histórias possam ser contadas e recontadas para outros estudantes.

Etapas 6 – Elaboração de relatórios de atividades, submissão de trabalhos em eventos acadêmicos: a partir da análise empírica dos dados da pesquisa e da produção do livro digital citado na etapa 5, serão elaborados os relatórios da pesquisa e consequente produção de artigos tendo como foco sua publicação em eventos relacionados à temática da pesquisa. Esses eventos somam-se aos espaços possíveis de se contar e recontar as histórias produzidas pelos estudantes da EJA. Como exemplo desses espaços, temos: o V Encontro Nacional da EJA-EPT (Institutos Federais - IFs) e a XII SEMACIT IFRJ Campus Duque de Caxias (IFRJ CDuC).

Condições de financiamento / execução do projeto

O projeto não possui recursos oriundos de órgãos de fomento externos, bem como intercâmbios, convênios ou parcerias com outras instituições. Porém, contará com a colaboração de grupos de pesquisa, como, por exemplo, o grupo Práticas, Tecnologia Digital e Inclusão na Educação de Jovens e Adultos (IFRJ).

Desenvolvimento de produtos e/ou processos

Nas justificativas deste projeto, destacamos como primeiro ponto atribuir visibilidade às ações da EJA e o que seus sujeitos têm a nos dizer e ensinar sobre a sala de aula da EJA. Nesse movimento de visibilidade, consideramos adequado proporcionar aos professores, em especial os da EJA, o (re) conhecimento dos aspectos desta pesquisa, buscando, com isso, fazer com que os poemas e as poesias construídas nesta pesquisa

possam inspirá-los a (re)pensar a sala de aula da EJA e todas as especificidades que a compõem como modalidade de ensino; além de inspirar novos sujeitos da EJA a se (re)conhecerem protagonistas e a se verem representados em pesquisas sobre o assunto.

Dessa forma, este projeto de pesquisa materializará as ações realizadas por meio da produção de um livro digital com os poemas e poesias protagonizados pelos sujeitos da EJA, a partir de suas vivências e experiências com a sala de aula da EJA do IFRJ CDuC. Buscaremos, com este produto, para além de visibilizar a EJA, mostrar os papéis dialógicos que compõem as relações professor-estudante e estudante-estudante da EJA, tendo os sujeitos da EJA como protagonistas ativos da construção dos conhecimentos e da relação dessa construção com o que eles concebem como uma sala de aula da EJA que contemple suas necessidades, anseios, sonhos, medos, inquietações, dúvidas, sugestões, angústias, (des)caminhos e esperanças.

As indagações e ideias presentes na produção escrita a ser construída pelos sujeitos da EJA, que se disporão no livro, se mostrarão submersas em reflexões e práticas mediadas pela teoria - especialmente dos professores que atuam na EJA e escrevem esse projeto de pesquisa - e pelas experiências e inquietações oriundas da prática de sala de aula e das leituras e pesquisas sobre a EJA e sua luta por permanência e sobrevivência.

Acrescentamos ainda que, na medida em que jovens e adultos produzem poemas e poesias inspirados nas ações de ensino e pesquisa, eles se abrem para novas possibilidades de sonhar, de se sentirem importantes, de se manifestarem, de serem ouvidos por outros e de dialogarem saberes, fazendo com que se (re)conheçam como protagonistas de seus aprendizados e democratizando tais protagonismos com outros colegas e

familiares a partir da materialização das ações por meio da produção e divulgação do livro (extensão). Nesse sentido, contribuir para que os sujeitos da EJA se apropriem de um discurso crítico é acreditar na possibilidade de eles, conforme cita Freire (2014), assumirem aquela que é considerada sua característica ontológica, ou seja, a de “serem mais” dentro de uma coletividade marcada por relações complexas.

Assim, comunicar nossas experiências é um caminho de potencializar nossas lutas e reverberar nossas ações com a EJA. Assim, eventos, congressos, simpósios e revistas em Educação são os principais focos de publicação e compartilhamento dos resultados dessa pesquisa. Traçamos como perspectiva de publicação, em especial, o V Encontro Nacional da EJA-EPT (IFs) e a XII SEMACIT IFRJ Campus Duque de Caxias (IFRJ CDuC). Objetivamos, com o livro a ser construído ao decorrer da pesquisa, que professores da EJA reverberem, por meio das artes, a ideia do trabalho a outros estudantes em diferentes espaços; especialmente nos IFs, como forma de luta e permanência, ao defendermos que o lugar da EJA é, sobremaneira, nos IFs. Nossa pesquisa visa romper barreiras e avançar em pesquisas outras cuja EJA exerça protagonismo.

Relação entre ensino, pesquisa, inovação e extensão

Nesta pesquisa, buscaremos articulações com as Artes para construir novos ambientes de aprendizagem que rompam com os muros da sala de aula, que possibilitem a (des)construção de imagens de uma sala de aula da EJA, dando ênfase ao processo dialógico e reflexivo daquilo que é pensar o ambiente escolar com o público específico da EJA.

Tendo em vista que, segundo Borba, Scucuglia e

Gadanidis (2018), estamos vivenciando a quarta fase das tecnologias digitais e que nela os livros digitais são características importantes para os estudantes do século XXI, esta pesquisa se consolida como emergente no campo da Educação e da EJA, uma vez que propõe concatenar as experiências dos sujeitos da EJA em contextos experienciais escolares por meio da produção e divulgação de um livro digital. O envolvimento dialógico entre os sujeitos da EJA, as artes e a literatura, por meio de poemas e poesias, e as experiências não silenciadas em sala de aula da EJA possibilitarão que os estudantes participantes da pesquisa percebam a Educação entrelaçada aos seus cotidianos e permita que eles se expressem e protagonizem conhecimentos; além de possibilitar o acesso ao conhecimento por outros sujeitos, por meio do livro digital a ser elaborado, em qualquer espaço e por qualquer pessoa com acesso à internet, uma vez que os poemas e as poesias estarão publicamente disponibilizados na internet.

Espera-se fazer com que os estudantes da EJA percebam suas experiências escolares para além das amarras que, por vezes, os encarceram em dificuldades, aversões e medo. Conforme aponta a pesquisa de Gregorutti (2016), a interlocução com as artes vai ao encontro de oportunizar aos envolvidos na produção do livro um olhar diferente do que comumente se vê, como, por exemplo, uma sala de aula fria, arrogante, inútil, desconexa da realidade de quem a compõe, sendo a figura do professor uma pessoa estranha, antissocial, fria, entre outros adjetivos. Nesse caminho, a pesquisa possibilita entrelaçar o ensino e a pesquisa, ao permitir que os estudantes se percebam também contadores de histórias e reverberem esta ideia por meio das artes e tecnologias (com a disseminação do livro) a outros estudantes.

Nessa relação entre ensino, pesquisa, extensão e inovação, nossa pesquisa buscará - para além da divulgação científica do

tema em congressos nacionais, internacionais, jornadas de semana acadêmica e revistas científicas – oportunizar que estudantes da EJA vivenciem a área acadêmica com produções científicas e participações em eventos. Configura-se, portanto, uma iniciativa extensionista, ao buscarmos dinamizar nossas ações de pesquisa e prática com outros públicos com o ato de contar e recontar nossas histórias por meio da participação em rodas de conversa ou mesmo através da materialização a ser dada com a produção do livro. Temos perspectivas de que nossas ações com os sujeitos da EJA propiciem diálogos entre a Academia e a EJA vista como modalidade de ensino, na medida em que fomentaremos novas discussões, protagonizaremos novas histórias e refletiremos de forma crítica sobre a nossa atuação frente aos conhecimentos socio científicos, a vida, a arte e as experiências, em especial, as experiências de sala de aula que coadunam com a perspectiva da Educação Crítica.

Este projeto de pesquisa tem potencial desdobramento em projetos de extensão tanto para estudantes de outros níveis, quanto para professores e futuros professores da EJA. Estes, na perspectiva de reflexões sobre o uso da escritvivência na EJA como um caminho para se (re)pensar a sala de aula e aqueles no caminho de possibilitar o envolvimento com temas socio-científicos.

Por fim, ressaltamos que criar cenários de pesquisa para estudantes da EJA é também um ato de resistência. Nosso projeto está calcado numa função social de resgate, de (re) inserção, de relação de pertencimento e de protagonismo dos sujeitos que historicamente tiveram seus direitos de acesso e permanência à Educação escolar negados. Refletir sobre a EJA é refletir sobre a trajetória de sujeitos marcados historicamente por uma educação alijada, aligeirada e excludente no percurso

da educação brasileira. Com isso, comunicar experiências de sala de aula da EJA produzidas pelos próprios sujeitos da EJA é contribuir para a desmistificação de estereótipos e mostrar que a sala de aula é também espaço que os façam refletir sobre suas práticas cotidianas e profissionais; ações que justificam nosso interesse em permanecer na luta por uma educação humanista e crítica voltada para os trabalhadores jovens e adultos presentes no IFRJ. Para além disso, queremos subsidiar professores da EJA com recursos e materiais oriundos de nossas pesquisas e práticas para que esses professores possam: se sentir representados na pesquisa; encontrar na produção do livro digital um caminho, com discussões teóricas e propostas práticas, de replicação do material e incentivo ao avanço da pesquisa, ao colocar estudantes da EJA na produção de poemas e poesias; romper com a visão estereotipada da sala de aula da EJA; comunicar experiências com conhecimentos socio científicos; e refletir sobre os dilemas sociais presentes na sociedade, à luz do diálogo com a vida, a arte e a literatura.

Dessa maneira, a EJA precisa ser constantemente posta em discussão a fim de traçarmos caminhos críticos nos seus diferentes aspectos. Enfatizamos, com isso, a importância de se conhecer o lugar das pesquisas em EJA nos diferentes espaços que contribuem para reflexões sobre Educação, atuação docente na EJA e protagonismo discente. Assim, temos como perspectiva avançar nas pesquisas em EJA, a fim de elucidarmos novos caminhos, propormos reflexões, tecermos considerações e avançarmos na discussão sobre a EJA como forma de resistência, demarcação acadêmica e proposição de caminhos críticos e humanos para a formação de cidadãs e cidadãos jovens e adultos trabalhadores.

Conforme fechamos as páginas deste capítulo, somos envolvidos por uma sensação de conexão profunda com a jornada que nos trouxe até aqui. A apresentação completa do primeiro projeto submetido ao IFRJ nos revelou as raízes daquilo que evoluiu para as Rodas de Conceição que exploramos anteriormente.

Nas linhas desse projeto, encontramos mais do que palavras: descobrimos as aspirações, a visão e o compromisso que foram depositados nessa ideia. A gênese desse projeto ecoa com a necessidade de amplificar as experiências da EJA, especialmente as das mulheres pretas, cujas vivências muitas vezes permanecem à margem da narrativa histórica.

Agora, equipados com o conhecimento da origem desse projeto, estamos prontos para enfrentar o caminho que se desenha à nossa frente. Enraizado nos valores da educação, da expressão e da ancestralidade, esse projeto nos lembra que a educação é um veículo poderoso para a (trans)formação pessoal e coletiva. As Rodas de Conceição, como um produto tangível desse projeto, representam uma celebração das vozes que merecem ser ouvidas e uma afirmação da importância da diversidade e inclusão em nossas narrativas culturais.

À medida que passamos da gênese para a implementação, levamos conosco a compreensão de que cada passo dado em direção a uma educação mais inclusiva e abrangente é um passo em direção a um presente/futuro mais enriquecedor. A jornada que começou com a concepção desse projeto agora nos convida a escrevermos, juntos, novos capítulos de aprendizado, empoderamento coletivo e respeito às nossas raízes.

Com a história desse projeto como bússola, abrimos as portas para explorar as Rodas de Conceição com uma compreensão

mais profunda e um apreço renovado pelo esforço e dedicação que tornaram essa visão uma realidade. Como concluímos este capítulo, permanecemos inspirados a prosseguir, aprofundando nossa compreensão das vivências da EJA, celebrando as vozes silenciadas e pavimentando o caminho para um futuro mais inclusivo e luminoso.

Um (não) fim para a Roda

A partir de uma concepção de Roda do ponto de vista da forma geométrica, sustentamos que não há um começo, nem tampouco um fim intrínseco ao que aqui foi evocado de discussão e escritivências. A Roda é um objeto que se estende indefinidamente, permitindo infinitudes de vivências e experiências, que reverberam mesmo ao passarmos pelos becos da memória já conhecidos ou desconhecidos.

À medida que fechamos as páginas deste livro, somos convidados a refletir sobre a jornada que percorremos juntos. «Abrindo a Roda: Escritivências Afrocentradas na EJA» é muito mais do que o primeiro livro da coleção “Escritivências na EJA”; é uma jornada de descoberta, conexão e celebração das experiências únicas que também forjam a EJA.

Seguimos o exemplo da Sankofa, olhando para trás enquanto avançamos para o futuro. Como o pássaro sábio, viramos nosso olhar para as vozes que se elevaram das páginas deste livro. Cada história, cada reflexão, cada palavra se entrelaça como um tijolo na edificação de uma narrativa coletiva, ressoando como eco das vozes outrora silenciadas e das vivências a serem celebradas.

Conforme concluímos esta jornada, lembramos que a escrita tem o poder de transcender fronteiras, de romper barreiras e de unir corações. As vivências afrocentradas aqui compartilhadas não são apenas reflexões individuais, mas são

também um tributo à resiliência de comunidades inteiras, à beleza de suas culturas e à força de suas histórias.

Enquanto fechamos este primeiro livro, lançamo-nos ao horizonte que se desenha à nossa frente. O conhecimento compartilhado nessas páginas se torna uma base para um novo começo, um ponto de partida para mais diálogo, mais entendimento e mais ação. A celebração da diversidade, a promoção da igualdade e o compromisso com a educação continuam a nos guiar, como indivíduos e como sociedade.

Este livro não é um ponto final, mas um elo em uma corrente contínua de narrativas que se cruzam e se entrelaçam. Convidamos você, leitora e leitor, a levar consigo as concepções que encontrou aqui, a compartilhá-las e a ser parte ativa de uma transformação positiva. Como nos despedimos deste livro, olhamos com gratidão para as vozes que se uniram, como notas harmoniosas, para compor um coro de experiências autênticas. A Roda que abrimos aqui é movimento contínuo, cujo girar inspira e amplifica as vozes das pessoas da EJA, celebrando a riqueza da diversidade humana e forjando um futuro mais radiante para todos.

Destacamos que, com o projeto apresentado e sua materialização por meio das “Rodas de Conceição”, “a gente combinamos de não morrer” (Conto do livro “Olhos D’água de Conceição Evaristo, 2016) e temos o compromisso de não deixarmos as Rodas morrerem. Sabemos bem (na pele e em todo o resto) que “A terra está coberta de valas e a qualquer descuido da vida a morte é certa. A bala não erra o alvo, no escuro um corpo negro bambeia e dança. A certidão de óbito, os antigos sabem, veio lavrada desde os negreiros” (Poema “Certidão de Óbito”, de Conceição Evaristo, 2017). Pôr essa certidão de óbito

na Roda é ressuscitar vozes que outrora foram caladas, silenciadas e exterminadas. Almejamos, por meio das nossas escrituras, que a nossa luta “ziquezaguei d’África à diáspora espalhando sementes baobás em cada uma/um de nós” (Poema “Dias de Kizomba”, de Conceição Evaristo, 2017).

A importância desta pesquisa, cujos resultados se materializam nas páginas deste livro, é central, encontrando-se no cerne onde os participantes da EJA, sobretudo as mulheres negras, não apenas assumiram o papel de autoras, mas também se tornaram fontes inspiradoras das muitas narrativas. Essas histórias ecoam com a resiliência das vozes outrora marginalizadas, erguendo-se como testemunhas da jornada educacional e cultural desses indivíduos. Cada palavra escrita é uma vitória sobre o silenciamento, uma celebração da herança e um testemunho da força da determinação humana.

Que este livro seja uma lembrança constante de que a educação e a expressão têm o poder de (trans)formar, de iluminar os caminhos que antes estavam obscurecidos e de abrir portas para o entendimento mútuo. Enquanto fechamos este capítulo, não encerramos a jornada. Em vez disso, passamos o bastão para um futuro em que as histórias continuam a ser contadas, onde as Rodas de Conceição continuam a girar, criando um movimento crescente de inclusão, afirmação, conhecimento e conexão. Nesse contexto, estendemos o convite para que prossiga sua leitura no segundo livro, cujo propósito principal é introduzir, de maneira prática e pedagógica, as Rodas de Conceição como uma abordagem viável.

Referências

ARROYO, M. G. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: Alfabetização e cidadania: **Revista de Educação de jovens e adultos**, n. 11, 2001.

ARROYO, M. G. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, L. (Org). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-32, 2006.

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (Org.) **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16ª Edição, São Paulo: Hucitec, 2014.

BORBA, M. C.; SCUCUGLIA, R. R. S.; GADANIDIS, G. **Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo. In: DUARTE, E. A; FONSECA, M. N. S. (org.) **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: Antologia crítica. Vol. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L; NUNES, I. R. (org.). **Escrivivência**: a escrita de nós.

Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

EVARISTO, C. A escritvivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escritvivência**: a escrita de nós: reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. (26 – 46).

FERREIRA, L. P. Q. P., ARAÚJO, L. C. de., RODRIGUES, M. L. S., & Câmara, Y. A. (2021). A escritvivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: Uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em “Olhos d’água”. **Letras De Hoje**, 56(2), 251-261.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos**: Especificidades, desafios e contribuições. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 60ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GRAMSCI, A. **Cadernos Do Cárcere I**. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GREGORUTTI, G. S. **Performance matemática digital e a imagem pública da Matemática**: viagem poética na formação inicial de professores. 2016. 117 f. Dissertação. (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências

Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro/SP, 2016a.

LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidade (A modo de presentación). In: ABRAHÃO, M. H. M. B (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EdUPUCRS, p. 11-22, 2004.

LIMA, V. da S.; PEREIRA, G. R.; ANJOS, M. B. dos. Ciência, Literatura e Arte: saberes e emoções na Educação de Jovens e Adultos. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e815986211, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.6211. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6211>. Acesso em: 16 maio. 2022.

LIMA, V. da S.; DOS ANJOS, M. B.; RÔÇAS, G. Contação de Histórias: formação, profissionalização e ensino. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 2, n. 19, p. e11325, 2020. DOI: 10.15628/rbept.2020.11325. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/11325>. Acesso em: 12 maio. 2022.

MARTINS, L. Afrografias da memória – o Reinado no Rosário de Jatobá. São Paulo: **Perspectiva** (EB), 2021.

MOURA, R. **No princípio, era a roda**: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SANTOS Jr., R. N. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. *Revista África e Africanidades* - Ano 3 - n. 11, novembro, 2010.

VEIGA, L. M. A. V. **Rodopios em memórias de cuidado e Educação do povo preto**: escrituras e subjetivação com vovó Catarina / Livia Maria Affonso da Veiga Veiga. 2022.

Sobre os autores



Da esquerda para a direita:

Ruth Baracho: Mulher preta, periférica, poetisa. Filha de pais nordestinos. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Estudante do Curso de Ensino Médio Integrado na modalidade EJA do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias. Bolsista e Pesquisadora Júnior deste Projeto.

Eduardo Braga: Homem preto, periférico. Filho de mãe nordestina e pai fluminense. Morador da Baixada Fluminense/RJ. Professor da Educação Básica, com destaque para as ações de ensino, pesquisa e

extensão para a modalidade EJA, e do Ensino Superior do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campi Duque de Caxias e Nilópolis. Mestre em Matemática (UFRJ) e Doutor em Ensino de Ciências (IFRJ).

Fernanda Paixão: Mulher preta, periférica. Filha de nordestinos. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Professora da Educação Básica e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias. Pesquisadora do campo de estudos da EJA. Mestre em Educação (UFRRJ) e Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ).

Marluce dos Santos: Mulher preta, periférica, voz comunitária. Filha de mãe nordestina. Moradora da Baixada Fluminense/RJ. Estudante do Curso de Ensino Médio Integrado na modalidade EJA do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias. Bolsista e Pesquisadora Júnior deste Projeto.

Evaristo caminhava pelas ruas da cidade, um semblante cansado marcado por anos de lutas e desafios. Seus olhos, porém, brilhavam de curiosidade ao se deparar com um cartaz colorido pregado no mural da escola: “Rodas de Conceição para/com estudantes da EJA”. Aquelas palavras despertaram nela uma mistura de interesse e dúvida. “Para que falamos de Conceição?”, pensou Evaristo. “O que é escrevivência? E afinal, para quem são essas Rodas” [...]. E assim, Evaristo, inspirada e cheia de entusiasmo, decidiu aceitar o convite para as rodas de Conceição. Ela entendia que ali encontraria um espaço de resistência e fortalecimento coletivo. Um lugar onde sua voz seria ouvida e onde ela poderia ouvir a voz do outro, aprendendo, compartilhando e transformando-se junto com a comunidade da EJA. Evaristo, então, caminhou em direção às rodas de Conceição, carregando consigo suas vivências, suas lutas e sua disposição para escrever e viver de forma mais plena. Ela sabia que naquele encontro, ela gozaria de um lugar de acolhimento, onde as histórias se entrelaçam e os sonhos se fortalecem. Era o início de uma jornada de aprendizado, de aproximação e de autonomia coletiva de sujeitos da EJA.

